

Profissionalização ou Proletarização da Atividade Informacional?*

BLAISE CRONIN **

Tendências recentes na educação em biblioteconomia e ciência da informação revelam a necessidade de mudanças nos currículos, refletindo as tendências da sociedade contemporânea, em constante transformação. Essa sociedade exige um profissional versátil capaz de se adaptar a um mercado diversificado e em expansão. As escolas enfrentam o desafio de se reestruturarem para sobreviver.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Os rótulos proliferam: era da informação, sociedade da informação, sociedade pós-industrial. Simples termos que representam fenômenos complexos. Com o advento de um novo milênio, essas palavras parecem ter adquirido um significado contundente. Tão esclarecedora quanto a evidência do conhecimento acadêmico é a aceitação generalizada — amplamente divulgada — do conceito de uma sociedade da informação. O caleidoscópio

* Tradução das professoras Isis Paim e Bernadete S. Campello, da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

** Diretor da Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Indiana University, Bloomington, USA).

das imagens, das mensagens e dos produtos da mídia demonstra claramente que a idéia acima se enraizou no imaginário popular. A despeito da persistente confusão da terminologia e da controvérsia acadêmica sobre a natureza exata das transformações que esses rótulos parecem encapsular (BENINGER, 1986), certos pressupostos comuns parecem confirmar-se:

“Cada construto enfatiza particularmente um conjunto de características da economia e da sociedade transformadoras. O **status** dos profissionais da informação e das ocupações relacionadas com a informação constitui-se usualmente em um tema central desses paradigmas (LOCKSLEY, 1990).”

Dada a importância que se atribui aos profissionais da informação, supõe-se que seja razoável concluir-se que os educadores em ciência da informação e biblioteconomia estejam entre aqueles que endossam a idéia de uma emergente sociedade da informação e buscam ativamente respostas apropriadas à questão. O presente trabalho delinea as tendências recentes em alguns países do primeiro mundo, avalia a sua adequação e questiona que relevância, se a houver, essas tendências podem representar para um país em desenvolvimento, como o Brasil.

Os estudos de MACHLUP (1962) e PORAT (1977) sobre a economia americana ressaltaram a crescente importância da indústria da informação e do conhecimento. Muitos estudos posteriores têm, desde então, documentado tendências similares em outros países desenvolvidos ou em desenvolvimento. À medida que as indústrias de serviço e de transformação enfatizam cada vez mais a informação, as fontes tradicionais, de vantagem relativa, serão solapadas. Mudanças nos critérios de desenvolvimento, ao nível de empresas, indústrias e do

próprio país, estão-se tornando evidentes, enquanto que as economias de larga escala cedem lugar à economia do conhecimento: conhecimento dos competidores, dos mercados, dos regulamentos, das tecnologias emergentes e de estilos de vida (McKENNA, 1988).

Mais especificamente, as reformas econômicas rápidas e as iniciativas de liberalização do comércio, que se enraizaram em muitos países da América Latina nos últimos três anos, criaram inúmeros desafios e oportunidades para as profissões da informação (CRONIN, 1992A). Pode até ser que, em alguns casos, possamos ver "... o terceiro mundo saltar a fase madura da educação em biblioteconomia e passar diretamente para o estágio da pós-maturidade." (CRONIN, 1992B).

Essas mudanças transformaram radicalmente as percepções sobre o valor da informação nos países do primeiro mundo, onde, historicamente, a informação tem sido tratada como despesa de **overhead** ou como um bem público gratuitamente disponível a todos os cidadãos. A hegemonia desse modelo está sendo desafiada à medida que o significado econômico e o potencial comercial da informação se tornam amplamente reconhecidos. Os crescentes debates públicos sobre as questões de acesso e de privacidade, e sobre os méritos e perigos de se privatizar a informação governamental (os **new commons**, segundo KAPOR, 1992) têm destacado a necessidade de políticas eficazes de informação a níveis nacional e internacional.

A "informatização" da sociedade (NORA e MINC, 1981) criou uma demanda sem precedentes por especialistas que atuem como gerentes de recursos de informação e ajam como guias, intérpretes e integradores de valor agregado (CRONIN, 1990). Esses especialistas não se limitarão a identificar recursos informacionais, mas analisarão e sintetizarão a informação, de forma a pro-

duzir serviços e produtos com alto valor agregado, e talhados para uma clientela específica. Alguns se envolverão em projetos de sistemas amigáveis e adaptativos, outros se especializarão na embalagem, no **marketing** e na venda de serviços e produtos de informação.

Há um consenso emergente segundo o qual o protótipo do profissional de informação do próximo milênio combinará habilidades tecnológicas e capacidade de analisar políticas, com uma forte orientação para o cliente. Esses indivíduos serão muito solicitados por setores públicos e privados da sociedade. Entretanto, há provavelmente pouca vantagem em se enumerarem qualidades desejáveis nas futuras gerações de bibliotecários e especialistas de informação. A literatura da área está repleta de receitas e listas dessas qualidades (CRONIN, 1991A), a maioria das quais exibindo um surpreendente grau de consenso. Entretanto, por parte do fornecedor (i.e. nas escolas de biblioteconomia e ciência da informação, principalmente) há muito menos unanimidade e periodicamente há uma deprimente falta de iniciativa.

Torna-se preferível, portanto, concentrar-se na dinâmica estrutural das áreas profissionais centrais e periféricas, num esforço de entender as forças que moldam e restringem o nível de receptividade nas escolas de biblioteconomia e ciência da informação. Como dissemos há alguns anos:

"... no início da década de 80 havia uma linha divisória entre educação em biblioteconomia e em ciência da informação. Propunham-se questões de pesquisa sobre o propósito, âmbito, conteúdo, relevância e qualidade dos programas acadêmicos... Detectava-se uma mudança enorme nas atitudes. Termos como "mercado de trabalho invisível", "periferia crescente" e "mercado de trabalho emergente" cessaram de ser prerrogativas de um círculo de radicais. Uma combinação de política fiscal e

de imperativos tecnológicos estava mudando irrevogavelmente o **status quo**. O setor de informação não era mais um construto acadêmico, mas sim uma realidade empírica. Novas ocupações estavam sendo criadas; novas oportunidades se abriam; novas habilidades estavam sendo demandadas. A questão se manteve: como poderiam as escolas responder ao desafio?" (CRONIN e DAVENPORT, 1988).

UM HIATO PROFISSIONAL

Numa perspectiva de primeiro mundo, parece óbvio que os desafios, associados ao fato de vivermos numa sociedade de informação, deveriam constituir-se num poderoso incentivo para que as escolas de biblioteconomia e ciência da informação se reposicionassem estrategicamente para acompanhar a evolução. HALAL (1986) é apenas um, dentre os vários leigos, que têm há muito tempo apreendido o seguinte fato:

"A ciência da informação constitui-se certamente na principal fronteira do progresso — a força chave impulsional da evolução de uma nova era."

Na realidade a área tem-se mostrado confusa, ideologicamente fragmentada e inclinada a soluções de curto prazo. Certamente, o problema de "duas culturas" permanece sem solução e a dicotomia entre biblioteconomia e ciência da informação persiste:

"Não há muitas provas de que tipos específicos de organizações forneçam uma base sólida para uma disciplina científica ou acadêmica. Da mesma forma que não existem disciplinas tais como "ciência do hospital" ou "ciência do presídio", algo como biblioteconomia (ciência da biblioteca) não soa convincente. Isso não significa que não possa haver em tais instituições problemas que precisam ser solucionados por meio de abordagens científicas ou por

peças qualificadas através de educação e programas de treinamento sólidos. Não significa também que tais abordagens devam ser agrupadas em conjuntos de conhecimentos ou instituições profissionais, mas sim como um campo de estudo e não como uma disciplina acadêmica" (WERSIG, 1992).

Na década de 80 a maioria das escolas de biblioteconomia e ciência da informação no Reino Unido mudaram seus nomes a fim de enfatizar, ou mesmo de destacar com exclusividade, o componente "informação". Uma década mais tarde nos Estados Unidos, onde se observava tendência semelhante, a mudança de nome da Escola de Estudos de Biblioteca e Informação da Universidade da Califórnia, Berkeley, para Escola de Estudos de Informação inflamou as paixões profissionais a níveis quase cômicos. A ironia, é claro, reside no fato de que, tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, duas das melhores escolas, Syracuse e Sheffield, haviam há muito tempo reconhecido que a expressão apropriada para definir nossos interesses heterogêneos — profissionais e acadêmicos — é "estudos de informação". Ambas as instituições — e não são de modo algum as únicas a inovar — compreenderam claramente as amplas implicações pedagógicas e mercadológicas da revolução na informação e nas comunicações. Estão continuamente refinando suas ofertas de programas, suas linhas de pesquisa e suas práticas de recrutamento para capitalizar em oportunidades emergentes. Outras escolas mostram-se menos adaptativas e mais avessas ao risco (CRONIN, 1992). É difícil portanto discordar das conclusões de McCLURE e HERT (1991):

"A educação em biblioteconomia/ciência da informação enfrenta atualmente uma situação crítica na sua existência: ou ela se torna absolutamente essen-

cial para — e inextricavelmente entrelaçada com — a educação das profissões da informação em constante desenvolvimento, ou torna-se obsoleta e morre uma morte lenta e dolorosa.”

Um dos grandes paradoxos com os quais se deparam os observadores do panorama educacional norte americano é que, à medida que a sociedade da informação se desenvolve, um número crescente de escolas de biblioteconomia estão sendo eliminadas. (Esse paradoxo deveria despertar interesse não apenas passageiro dos observadores brasileiros, em virtude da influência que os professores norte americanos exerceram, tanto direta quanto indiretamente, na educação em biblioteconomia e ciência da informação neste país). Desde 1978, pelo menos quinze escolas norte americanas de biblioteconomia e ciência da informação foram extintas e várias outras acham-se incertas quanto ao seu futuro. Face às oportunidades existentes, é desanimador que tanto tempo e tanta energia emocional sejam canalizados para atividades ineficientes e pouco lucrativas. Somos forçados a perguntar porque este campo revela-se tão propenso a partidarismos e a posturas defensivas, quando as oportunidades para crescimento e renovação, no contexto de uma sociedade da informação, são tão óbvias.

STIEG (1991) tem a seguinte explicação plausível, embora parcial:

“A educação em biblioteconomia tem tentado corajosamente redefinir-se para melhor se ajustar às prioridades das universidades. Em diversas ocasiões, a biblioteconomia tentou tornar-se uma ciência mais teórica e atrair mais homens e cientistas. Agora está tentando realizar tudo isto ao mesmo tempo, ao se tornar ciência da informação. Mas seus esforços para se adaptar têm alcançado apenas um sucesso limitado. A profissão a que serve continua e, con-

seqüentemente, a ciência da informação continua, obstinadamente humanística, orientada para serviço e feminina em sua composição”.

Essa pretensão é corroborada pelos dados sobre credenciamento de escolas de biblioteconomia nos Estados Unidos: (a) menos de 10% dos estudantes detêm formação acadêmica em ciências físicas ou biológicas, direito, medicina ou engenharia; (b) 80% são mulheres (HEIM, 1991). Esse fato significa que as escolas têm falhado em recrutar e formar profissionais através de programas rigorosos que se apoiem numa base mais abrangente de pressupostos sobre comportamento e habilidades desejáveis na área.

Em parte, a explicação para o fracasso em aproveitar a oportunidade de mudança relaciona-se com tensões contínuas entre a universidade e o ambiente de trabalho (CRONIN, 1922), que são causadas por diferenças de perspectivas e padrões culturais, o que CONANT (1980) denominou “o fosso mutuamente pernicioso entre professores de biblioteconomia e profissionais”. Esse fato relaciona-se parcialmente com a sensação de negação de **status**, observada através do tempo: assuntos como a imagem pública, as expectativas de carreira e a remuneração estão representados desproporcionalmente na literatura profissional de biblioteconomia (SLATER, 1980). Em parte, o fato relaciona-se com a lacuna existente entre as expectativas acadêmicas com relação à pesquisa de qualidade e a qualidade real de muitas das pesquisas desenvolvidas em escolas de biblioteconomia e ciência da informação. Vários estudos têm abordado o “descaso por parte de outros profissionais, quanto à pesquisa feita por professores de biblioteconomia”, e a percepção de que “uma escola de biblioteconomia não melhora a imagem da elite universitária” (STIEG, 1991). Essas impressões debilitam a base profissional, tanto no âmbito

da Universidade quanto fora dela, desde que a "habilidade de uma profissão para sustentar sua competência repousa, parcialmente, no poder e no prestígio de seu conhecimento acadêmico" (ABBOTT, 1988).

UMA VISÃO SISTÊMICA

TOFFLER (1981) foi um dos primeiros a reconhecer a conexão entre o advento de uma sociedade da informação e a ânsia crescente por profissionalização:

"Variados tipos de grupos profissionais, de bibliotecários a vendedores, começaram a clamar pelo direito de se denominarem profissionais (...) nossa cultura é dominada por profissionais que nos chamam de clientes e nos dizem quais são as nossas necessidades".

Mas talvez a análise mais vigorosa e abrangente do fenômeno seja aquela feita por ABBOTT (1988) que desenvolveu um modelo sistêmico para explicar a evolução das profissões. Há dois aspectos centrais no seu modelo: o elo entre a profissão e sua prática, que ele denomina competência; e a idéia de competição inter-profissional para o controle do conhecimento abstrato e suas aplicações:

"Cada profissão está comprometida com um conjunto de tarefas em decorrência de vínculos de competência. Uma vez que nenhum desses vínculos é absoluto ou permanente, as profissões constroem um sistema interativo, uma ecologia e competem dentro desse sistema".

O modelo teórico de ABBOTT consiste de três estágios gerais: perturbações, disputas de competência e transformações, conduzindo à restauração do equilíbrio no sistema em geral. As perturbações podem ser causadas por uma força exógena, tal como a tecnologia da infor-

mação (que continua destruindo as fronteiras estabelecidas e controlando zonas dentro da biblioteconomia e das profissões da informação), ou podem tomar a forma de um assalto direto, por parte de outros grupos profissionais, à arena protegida da biblioteconomia, (como, por exemplo, cientistas da computação e analistas de sistemas). Alternativamente, podem surgir perturbações, como conseqüência de mudanças e reestruturações organizacionais (como, por exemplo, a cisão ou fragmentação de associações profissionais em grupos de interesses especiais que, durante determinado período, competem entre si).

A disputa por autoridade no seio das profissões da informação — consideradas em sentido amplo — está sendo travada com prazer em vários países ocidentais. Alguns exemplos podem ilustrar essa tendência. No Reino Unido vários bibliotecários municipais recentemente nomeados (a maioria constituída de profissionais seniores do sistema de bibliotecas públicas) não receberam educação nem treinamento formal em biblioteconomia, fato que tem causado temor em certas áreas. É claro que nem o diretor da Biblioteca do Congresso nem o da Biblioteca Britânica é bibliotecário profissional, enquanto que na Alemanha a tradição do erudito/bibliotecário mantém-se intacta. E conforme nota RATCLIFFE (1987) com evidente prazer:

“ainda é possível ser recrutado e alcançar o mais alto posto na biblioteconomia acadêmica sem qualificação profissional, não apenas com base nas habilidades especializadas, mas no poder da alta competência em disciplinas acadêmicas tradicionais.”

Durante anos, advogados têm pesquisado com sucesso no LEXIS, executivos no **Dialog Business Connection** e profissionais da saúde no **Grateful Med**, sem a ajuda

de intermediários formados. A proletarização e a permeabilidade estão na moda, à medida que a diversidade competitiva e as tecnologias se tornem comuns na área de informação. Em cada um desses exemplos o sacerdócio está sendo fortemente desafiado como, na verdade, estão também sendo desafiados os tradicionais pressupostos relativos ao valor do profissionalismo:

“A profissionalização da biblioteconomia, durante o último século, produziu enormes benefícios sociais, mas também tornou rígidas as opiniões. As forças que controlam o mercado da informação são vitais: têm pouco a ver com estruturas e valores profissionais anacrônicos”. (CRONIN, 1983)

RIGIDEZ E RECEPTIVIDADE

A rigidez generalizada, por exemplo, dos sistemas profissionais norte americanos, franceses e alemães, apesar das suas diferenças inerentes, pode reduzir a incerteza sobre papéis, responsabilidades e limites de competência dos profissionais da área; entretanto tais regras restritas certamente afetam a mobilidade na carreira e sufocam a inovação. Na teoria de sistemas (RUBEN 1992) essas regras são mais fechadas que abertas, e assim menos propícias a permitirem antecipações e adaptações a demandas externas. A diversidade de tarefas, produtos, meios e oportunidades, associada ao mercado da informação e atrelada à rapidez de mudança no setor, requer considerável flexibilidade bem como adaptabilidade, em ambos os níveis, individual e institucional. A rigidez existente — estrutural e de procedimentos — inibe tais respostas. A emergência dos “novos intermediários” (ARNOLD, 1987) aumentará a diversidade competitiva, favorecerá o mérito e promoverá mobilidade e migração na carreira. Quanto ao profissional da informação/

bibliotecário — profissão estabelecida — restam as seguintes opções: explorar mais intensivamente os espaços tradicionais ou tentar colonizar novas áreas do ecossistema.

A metáfora ecológica pode ser ampliada. BLAKE (1985) argumenta que o setor de informação é suficientemente vasto para permitir a co-existência de espécies múltiplas (de profissionais da informação). O autor compara os rios que fluem rapidamente com a superfície de uma rocha marinha: os primeiros podem comportar maior número de espécies inter-relacionadas do que a última, sem a evidência de competição. Na rocha marinha, a competição por espaço conduz eventualmente à eliminação de espécies menos adaptáveis e mais fracas. Por analogia, pode-se concluir que no setor de informação, ágil e em expansão, há espaço para uma multiplicidade de espécies interdependentes. Por outro lado, aqueles que optarem por permanecer na superfície da rocha terão que reconhecer a ameaça de eventual extinção.

O ECOSISTEMA

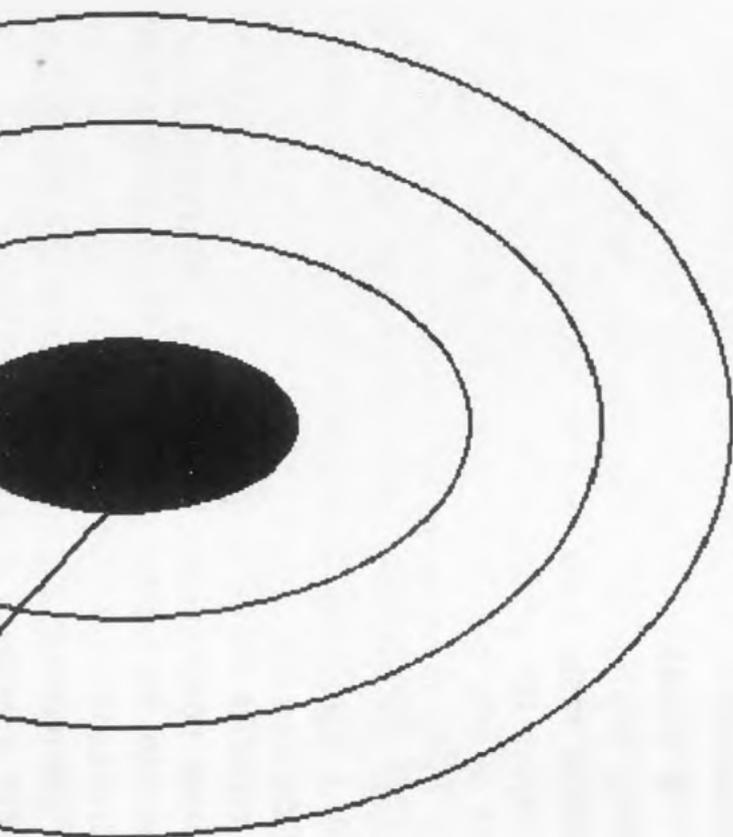
O ecossistema da informação pode ser conceitualizado em termos de oportunidades, estruturadas em níveis superpostos (FIG. 1).

O nível central é o terreno ocupado pelos cientistas da informação e bibliotecários tradicionais. No seu núcleo localiza-se o hipocentro (**hypocenter**), o **locus classicus** para a prática de atividades tais como catalogação e classificação; seleção de livros e instrução bibliográfica. A maioria de graduados em biblioteconomia e em ciência da informação trabalham nessas duas áreas contíguas, embora se possam discernir tendências contraditórias nas mesmas. O efeito da catalogação cooperativa/centralizada, por exemplo, reduziu dramaticamente a demanda por catalogadores originais no hipocentro, enquanto que simul-

FIGURA 1



- A ESCOSFERA



taneamente tenha criado, no núcleo, necessidade de uma nova geração de generalistas conhecedores da teoria de sistemas (KLEIMAN, 1992). Em geral as perspectivas de emprego a longo prazo para o núcleo/hipocentro não são especialmente encorajadoras, pelo menos nos Estados Unidos, onde um número maior de oportunidades de carreira tem surgido fora das áreas tradicionais:

“Espera-se que os empregos para graduados em biblioteconomia expandam para fora dos nichos tradicionais.

(...) Espera-se também que a gerência da informação, fora das bibliotecas tradicionais, ofereça mais oportunidades de emprego para bibliotecários com **background** em biblioteconomia e ciência da informação”. (**Occupational Outlook Handbook**, 1992)

As oportunidades de expansão serão encontradas no nível interior (**hinterland**), onde os contextos operacionais e as carreiras não são necessariamente definidas institucionalmente. Trata-se de um mundo de bibliotecas sem paredes, de intermediários independentes, sistemas de informação distribuídos e análise de inteligência do competidor, mundo no qual a qualificação e a afiliação profissionais importam menos que a competência e a adaptabilidade. Aqui, diversos grupos, desde analistas da informação até cientistas da informação industrial e especialistas em comunicações, co-existem de bom grado e habitam uma ampla gama de nichos ocupacionais (como, por exemplo, o executivo da informação de mercado, o coordenador de bases de dados e o gerente da informação química). Esse fato não significa, de forma alguma, um mercado garantido para graduados desempregados ou bibliotecários deslocados, mas um domínio envolvente e altamente competitivo, no qual o mérito é mais valorizado que títulos de qualificação ou formação profissional.

Segundo o modelo de ABBOTT, essa reconfiguração corresponde ao estágio de transformação.

O quarto nível, o horizonte (**horizon**), constitui-se no **habitat** natural dos engenheiros de **software**, dos especialistas em computação para negócios e dos gerentes de telecomunicações. Nesse nível, o foco provavelmente esteja mais em **hardware** ou componente de sistemas, do que em questões relacionadas com conteúdo, valor e acondicionamento da informação. Realisticamente essa não é uma área madura para ser colonizada por graduados oriundos de escolas de biblioteconomia e ciência da informação: as instituições já firmemente estabelecidas como os departamentos de ciência da computação, engenharia elétrica e administração de negócios formam profissionais para a área.

NICHOS

Como argumentei há alguns anos:

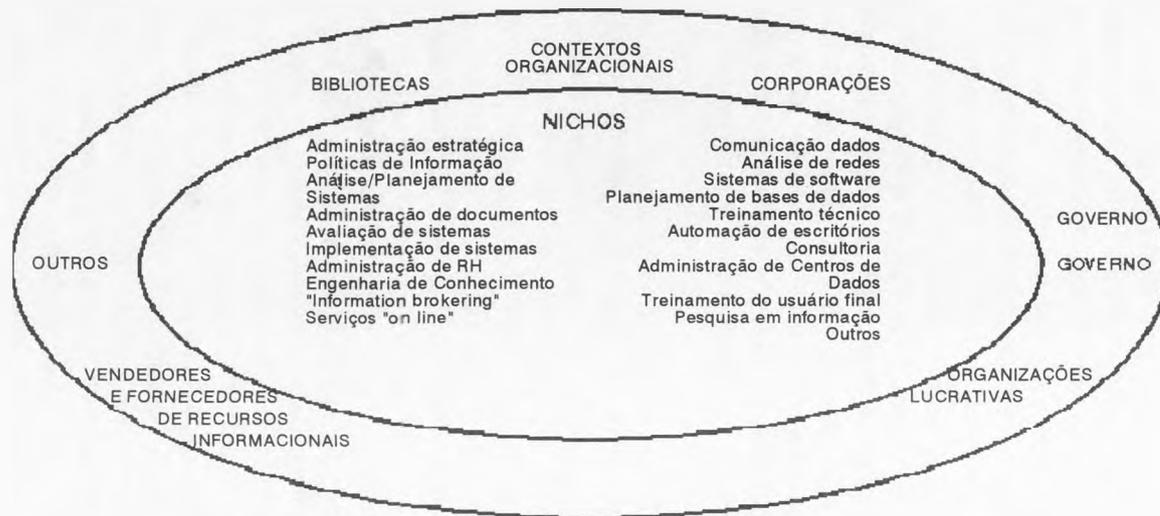
"A profissão de informação inexistente como tal. Há contudo uma população, heterogênea e espalhada por uma grande área, de pessoas profissionalmente qualificadas, as quais, por conveniência, podem-se classificar como profissionais de informação. O espectro de funções que desempenham e a gama de habilidades que exercem nos seus trabalhos cotidianos é diverso demais para sucumbir a uma classificação simplista." (CRONIN, 1987)

Ao planejar para o futuro, os educadores deveriam ser orientados no sentido de se preocuparem menos com especializações tradicionais (como, por exemplo, organização de mapotecas, catalogação de áudio visuais, administração de registros médicos) e se concentrarem, ao invés, em nichos ocupacionais amplos. Essa abordagem desencorajaria particularismos (isto é, a ênfase em orga-

nizações, tarefas ou grupos de clientes) e enfatizaria categorias transversais. Por exemplo, um curso sobre "acesso à informação" incluiria uma miscelânea de questões, indo da disponibilidade de dados governamentais, passando por linguagens acessíveis de comando **on line** até políticas para permitir o acesso de deficientes físicos às coleções de bibliotecas públicas, questões as quais estão atualmente inocuamente dispersas nas disciplinas dos currículos. Esse tipo de abordagem asseguraria uma guinada do atual modelo — que foi construído por acréscimos excessivamente corriqueiros — em direção ao desenvolvimento curricular holístico. A FIG. 2 ilustra como se pode aplicar o enfoque de "nicho" à especialização. Numerosas variações desse esquema são certamente possíveis.

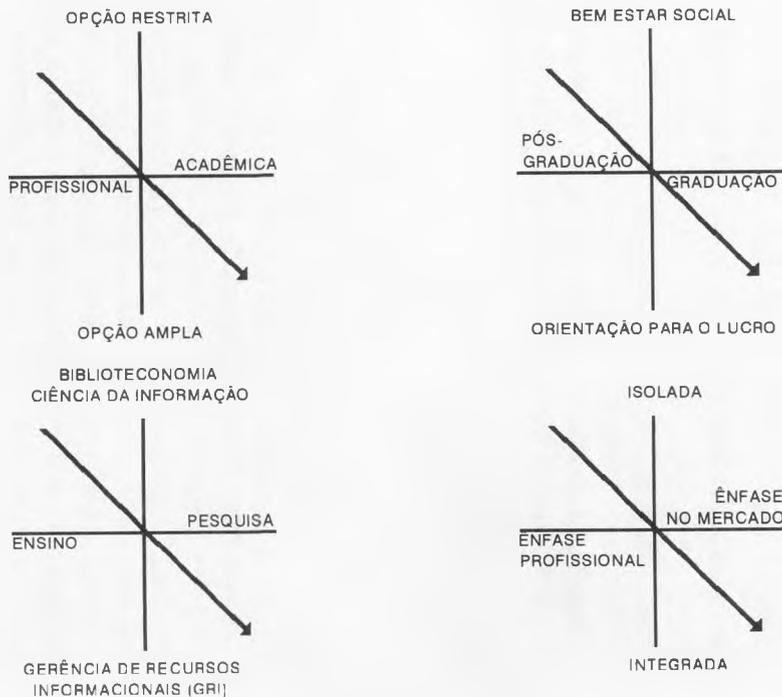
A constituição de nichos tomará outra forma, à medida que as escolas de biblioteconomia e ciência da informação se articulem para consolidar sua posição, para conquistar novos mercados ou para se diferenciar mais claramente de competidores institucionais. A FIG. 3 ilustra, embora de forma fictícia, algumas das opções genéricas de que dispõem as escolas. Na realidade, para cada escola, essas opções apresentarão características multidimensionais, não se constituindo, pois, de apenas duas dimensões. No ângulo superior esquerdo do esquema há dois conjuntos de escolhas: 1) tornar-se escola profissional (abordagem vocacional) ou procurar imprimir maior ênfase acadêmica através das disciplinas (abordagem acadêmica); 2) oferecer um elenco limitado, ou tão amplo quanto possível, de disciplinas eletivas. As opções constantes do ângulo superior direito situam-se entre o oferecimento de cursos de graduação e de pós-graduação, e entre duas posições ideológicas opostas (provisão de informação "para lucro" X "para bem estar social").

FIGURA 2 - ESPECIALIZAÇÃO: ABORDAGEM DE NICHOS



FONTE: McCLURE, C.R., HERT, C.A. *Specialization in library and information science education: issue, scenarios and the need for action*. School of Information Studies, Syracuse University. (Documento não publicado, encomendado pela W.K. Kellogg Foundation para a Conference of Specialization in Library/ Information Science Education, University of Michigan, Ann Arbor, Nov. 6-8, 1991.

FIGURA 3 - POSICIONAMENTO DAS ESCOLAS QUANTO A PROGRAMAS



O ângulo inferior direito inclui a opção de se ater essencialmente a disciplinas tradicionais em biblioteconomia e ciência da informação, ou a de se incluírem conceitos de gerência de recursos informacionais (como, por exemplo, o curso de especialização em Gerência de Recursos Informacionais na Escola de Biblioteconomia da UFMG-VIEIRA et al, 1990). Há também a opção de se enfatizar o ensino ou a pesquisa. O ângulo inferior direito contrapõe o modelo isolado (a escola de biblioteconomia como unidade autônoma — financeira e acadêmica) ao modelo integrado, (a escola de biblioteconomia como parte integrante de um grupo acadêmico mais amplo — abordagem adotada pela Universidade de Rutgers). Também, sugere-se aqui à escola optar por desenvolver uma orientação fortemente mercadológica, ou então optar por enfatizar o profissionalismo e o senso de comunidade.

DIVERSIDADE E DIFERENCIAÇÃO

Pode-se verificar, rápida e empiricamente, a diversidade de carreiras relacionadas com informação, rastreando-se os anúncios de empregos nas imprensas popular e profissional (GLEAVE, ANGEL and WOOLEY, 1985; MOORE, 1986). A variedade de oportunidades de carreira e o espectro de habilidades demandadas encerram uma mensagem clara: a maioria das escolas de biblioteconomia e ciência da informação, se quiserem sobreviver, terão que visar a um segmento específico do mercado que está expandindo e se diversificando rapidamente. A outra alternativa será a perda progressiva de margem competitiva, à medida que novos profissionais se movam no mercado de trabalho e desafiem o **status quo**. Muito poucas das atuais escolas de biblioteconomia e ciência da informação possuem massa crítica (em termos de tamanho do corpo docente, recursos finan-

ceiros, diversidade intelectual, infra-estrutura tecnológica) para persistir com a filosofia de "todas as coisas para todos", que foi bem sucedida em gerações anteriores.

A estratificação tornar-se-á mais evidente nos anos futuros. De certo modo, a prática já está bem estabelecida, especialmente nos Estados Unidos, onde a reputação e as matrículas nas escolas podem elevar-se ou cair, dependendo dos resultados de estudos de percepção e de outros estudos mais ou menos quantitativos. No Reino Unido, o processo quinquenal de seleção de pesquisa, realizado pelo governo central, resulta na classificação de cada departamento universitário (incluindo escolas de biblioteconomia e ciência da informação) numa escala de 1-5, escala que pretende medir, a níveis nacional e internacional, os graus de excelência em pesquisa. No futuro, a estratificação vertical se combinará com a diferenciação horizontal, à medida que as escolas se destaquem da atual massa extremamente homogênea e se reposicionem com base em demanda local, expectativas institucionais, pontos fortes dos programas ou grau de competição do mercado próximo.

Embora o mérito venha a se tornar uma exigência do emergente mercado de trabalho em informação, a estratificação tornar-se-á, apesar de tudo, mais pronunciada em certos setores (CRONIN, 1991B), à medida que a tecnologia da informação crie uma hierarquia de demanda por planejadores, executivos e técnicos (FIG. 4). Parece provável que essa demanda se traduzirá em ofertas educacionais segmentadas refletindo a ênfase e o nível tecnológicos. Para exemplificar: os planejadores dedicar-se-ão primariamente a tópicos de planejamento estratégico; os executivos à implementação e manutenção de sistemas de tecnologia de informação; os técnicos responsabilizar-se-ão pelas operações rotineiras. Para cada um desses grupos distintos, haverá diferentes opções e

FIGURA 4

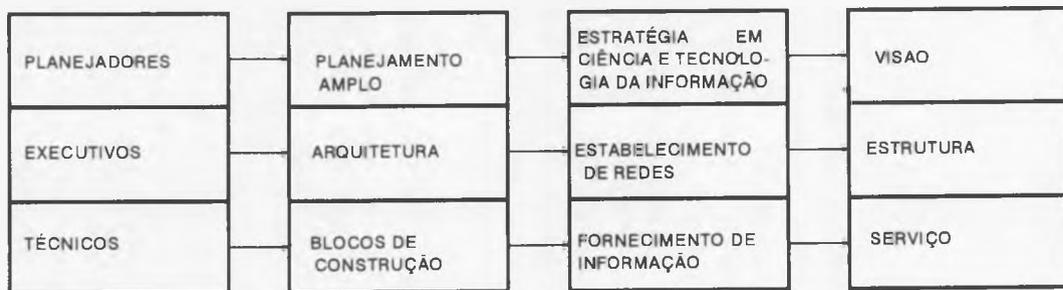


FIGURA 5



qualificações educacionais em separado (FIG. 5). A tendência já está bem estabelecida, através do surgimento de mestrados em administração de negócios voltados para a gerência de informação, do crescimento dos programas de **conversion/capstone** de tecnologia da informação e da emergência de cursos de graduação em tecnologia/ciência/estudos de informação.

Por outro lado, esses tipos de desenvolvimento pressionarão as escolas de biblioteconomia e ciência da informação a competir em mercados de trabalho mais agressivos, se conseguirem atrair, em número suficiente, docentes com tendências empresariais e tecnologicamente qualificados. Em outras palavras, os custos para se competir (ou permanecer no jogo) aumentarão de forma significativa. As escolas que não puderem identificar, recrutar e reter docentes adequados, atrofiar-se-ão. As escolas de biblioteconomia e ciência da informação se depararam com um novo mercado, dinâmico, que requer abordagens radicalmente diferentes.

Elas se constituíam, durante os anos 60 e 70, em uma população amplamente homogênea (em termos de semelhança de currículos, objetivos dos programas, culturas organizacionais e qualificação de docentes). Esse fato com certeza não pode mais persistir. Sinais claros indicam que o molde se rompeu irrevogavelmente. Algumas escolas abriram novas trilhas; algumas se fundiram, se reestruturaram, ou se realinharam; algumas desapareceram do mapa; algumas se apegaram obstinadamente ao seu curso original. A fragmentação, que se observa atualmente nas escolas dos Estados Unidos e do Reino Unido, ocorreu paralelamente a uma onda de novos candidatos. A diversidade competitiva está-se tornando rapidamente a marca registrada dos anos 90.

LIÇÕES PARA O BRASIL?

Embora no Brasil se tenha investido uma soma relativamente significativa em programas tradicionais de biblioteconomia e ciência da informação, poder-se-ia aprender com os erros cometidos nos programas do primeiro mundo, evitar a fase de amadurecimento e mover-se diretamente em direção à criação de escolas e programas sintonizados com o clima econômico e social em vigor. Mas esse direcionamento exigirá iniciativas apoiadas pelo governo: o Sistema Português de Informação para Indústria (CORREIA et al, 1990) pode-se constituir num exemplo. Esperar que o professorado existente atualmente assuma propostas de mudança que, pelo menos até certo ponto, ameacem o **status quo** é provavelmente uma atitude pouco realista.

Certamente que a habilidade dos atuais programas/escolas para mudar o curso dos acontecimentos depende de algo mais do que atitudes dos docentes: pode ocorrer, em certos casos, que os estatutos das universidades e a legislação governamental impeçam a mudança de um curso de ação fixado. E há outro fator: em muitos países em desenvolvimento a parafernália de profissionalismo (exigência de programas credenciados para fornecer diplomas, de registro em organizações de classe, de autorizações, de aprovações etc.) deve ser atendida para que se estabeleça a legitimidade de uma área profissional. Em tais casos, deve-se buscar um equilíbrio entre as posturas reacionárias e o radicalismo desestabilizante.

A nível macro, um fato está-se tornando claro. Depois de várias tentativas falsas, há sinais de que o Brasil possa estar-se movendo em direção a um novo futuro.

“O Brasil está sofrendo uma série de reformas econômicas dramáticas, com vistas a que o país retome o crescimento e o desenvolvimento econômicos, a médio e a longo prazos. Depois de quase quatro décadas de intervenção pesada do estado nas atividades econômicas, o Brasil está implementando os tipos de reformas baseadas na economia de mercado, as quais se revelaram fundamentais no caso de vários dos seus vizinhos latino-americanos, especialmente o Chile e o México, que visaram a redirecionar suas economias.” (FARRIS, 1992)

Essas mudanças invalidarão muitos dos pressupostos sobre os quais se baseavam os comércios internacional e regional, e forçarão as empresas privadas e as agências governamentais, acostumadas a operar em ambientes artificialmente protegidos, a melhorar sua capacidade de gerenciar a informação/inteligência (CRONIN, 1992c). Conseqüentemente haverá demandas por especialistas da informação, cujas atitudes e habilidades sejam qualitativamente diferentes daquelas de que são detentores os atuais graduados em biblioteconomia e ciência da informação.

Entretanto, as mudanças serão também pressionadas pela demanda. No Brasil, como em muitas outras nações em desenvolvimento, paternalismo e grupos de poder constituem uma realidade da vida empresarial. Em tais situações, os provedores formais de informação são sempre marginalizados:

“Normalmente os membros de uma organização dispõem de informação e normalmente não confiam em — ou não valorizam na medida certa — as fontes formais de informação... Conseqüentemente, os documentalistas e profissionais da informação são geralmente pouco valorizados e sub-utilizados. A legitimidade e o controle de competência só começarão a ser conferidos a profissionais de informação,

quando houver nas organizações, um compromisso claro para com padrões, regulamentos e regras de conduta formalmente aceitas." (CRONIN, 1992A)

Professionalization or proletarianization of information work?

Recent trends in library and information science education reveal a need for changes in curricula, reflecting the varying trends in the contemporary changing society. This society requires a versatile professional, able to meet the demand of an expanding and diversified market. Library and information science schools face the challenge of whether to restructure themselves to survive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, A. **The system of professions: on essay on the division of expert labor.** Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- ARNOLD, S. E. End-users: dreams or dollars. **Online**, v. 11, n. 1, p. 71-81, 1987.
- BENIGER, J. R. **The control revolution: technological and economic origins of the information society.** Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1986.
- BLAKE, M. L. Human evolution in space and time, with reference to the niches of librarianship and information processing. **Journal of Information Science**, v. 11, n. 3, p. 125-129, 1985.
- CONANT, R. W. **A study of the education of librarians.** Cambridge, Mass, MIT Press, 1980.
- CORREIA, A. M., RAMALHO, et al. Towards the development of the knowledge industries in Portugal. In: CRONIN, B., TUDOR-SILOVIC, N (Eds.). **The knowledge industries: levers of economic and social development in the 1990s.** London: Aslib, 1990, p. 263-270.

CRONIN, B. **The education of library-information professionals: a conflict of objectives?** London: Aslib, 1982.

—————. **The transition years: new initiatives in the education of professional information workers.** London: Aslib, 1983.

—————. Nichemanship for the nineties. **Education for information**, v. 5, p. 321-325, 1987.

—————. Esquemas conceituais e estratégicos para a gerência da informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 19, n. 2, p. 195-220, 1990.

—————. **Library orthodoxies: a decade of change.** London: Taylor Graham, 1991 A. p. 237-248: **Libraries 2000 AD: the skills requirement.**

—————. Information professionals in industrialised countries. **Revista Espanola de Documentacion Cientifica**, v. 14, n. 1, p. 47-56, 1991 B.

—————. Market integration in Latin America: the information imperative. In: International Conference "**Information and Market Integration**", University of Rio Grande, Brazil, November 15-20.

—————. Information science in the international arena. **Aslib Proceedings**, v. 44, n. 4, p.195-202, 1992 B.

—————. Playing the intellectual capital markets: the conditions of flight and formation. In: CRONIN, B., TUDOR-SILOVIC, N. (Eds.). **From information management to social intelligence: the key to open markets.** London: Aslib, 1992 C, p. 1-12.

CRONIN, B., DAVENPORT, E. **Post-professionalism: transforming the information heartland.** London, Aaylor Graham, 1988.

FARRIS, R. L. Comprehensive reform program puts Brazil in position for an economic rebound. **Business America**. March 23, p. 23-24, 1992.

GLEAVE, D., ANGELL, C. WOOLEY, K. Structural change within the information profession: a scenario for the 1990 s. **Aslib Proceedings**, v. 37, n. 2, p. 99-133, 1985.

HALAL, W. E. **The new capitalism.** New York: Wiley, 1986.

HEIM, K. M. **Not with a bang but a whimper: the erosion of support for library and information science education.** School of Library and Information Science, Lousiana State University, 1991 Unpublished paper for a **Kellogg Foundation Sponsored Symposium**, Indianapolis, November 13-15).

R. Esc. Bibliotecon. UFMG, BH, v. 22, n. 1, p. 38-65, jan-jun./93

- KAPOR, M. Quoted in: **Bulletin of the American Society for Information Science**, v. 18, n. 5, p. 2, 1992.
- KLEIMAN, C. **The 100 best jobs for the 1990s and beyond**. Dearborn Financial Publishing, 1992. p.170-171.
- LOCKSLEY, G. European integration and the information and communications technologies; the double transformation. In: LOCKSLEY, G. (Ed.) **The Single European Market and the information and communication technologies**. London: Belhaven Press, 1990. p. 1-13.
- McKENNA, R. Marketing in an age of diversity. **Harvard Business Review**. September-October, p. 88-95, 1988.
- McCLURE, C. R., HERT, C. A. **Specialization in library/information science education: issues, scenarios, and the need for action**. School of Information Studies, Syracuse University, 1991. (Unpublished paper commissioned by the W. K. Kellogg Foundation for a **Conference on Specialization in Library/Information Science Education**, University of Michigan, Ann Arbor, November 6-8.)
- MACHLUP, F. **The production and distribution of knowledge in the United States**. Princeton University Press, 1962.
- MOORE, N. **The library and information workforce in the U. K.** London: British Library, 1986.
- NORA, S., MINC., A. **The computerisation of society**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1981.
- PORAT, M. U. **The information economy: definition and measurement**. US Department of Commerce, Office of Telecommunications, 1977.
- RATCLIFFE, F.W. What the consumer looks for. **Education for Information**, v. 5, p. 105-114, 1987.
- RUBEN, B. D. The communication-information relationship in system-theoretic perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 43, n. 1, p. 15-27, 1992.
- SLATER, M. **Career patterns and the occupational image**. London: Aslib, 1980.

STIEG, M. F. The closing of library schools: darwinism at the door. **Library Quarterly**, v. 61, n. 3, p. 266-272, 1991.

TOFFLER, A. **The third wave**. London: Pan, 1981.

VIEIRA, A. da Soledade et al. Lançando a semente do curso de GRI na UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 19, n. 2, p. 253-272, 1990.

WERSIG, G. Information science and theory: a weaver bird's perspective. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. (Eds.). **Conceptions of library and information science: historical, theoretical and empirical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 201-217.